



PSICANÁLISE

R. M. S. Cassorla

Fanatismo, negacionismo, mentira

Estudos psicanalíticos

Blucher

FANATISMO, NEGACIONISMO, MENTIRA

Estudos psicanalíticos

R. M. S. Cassorla

Fanatismo, negacionismo, mentira: estudos psicanalíticos

© 2025 R. M. S. Cassorla

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Andressa Lira

Preparação de texto Mariana Góis

Diagramação Lira Editorial

Revisão de texto Regiane da Silva Miyashiro

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Rafael Monteiro Smeke

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da *Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização escrita
da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Cassorla, R. M. S.
Fanatismo, negacionismo, mentira : estudos
psicanalíticos / R. M. S. Cassorla. – São Paulo :
Blucher, 2025.

208 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-212-2570-6 (impresso)
ISBN 978-85-212-2569-0 (eletrônico - Epub)
ISBN 978-85-212-2568-3 (eletrônico - PDF)

1. Psicanálise. 2. Psicologia social. 3. Fanatismo.
I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicologia social CDU 159.964.2

Conteúdo

Introdução	9
1. Fanatismo no campo social	17
2. Fanatismo: entre os campos social e analítico	25
3. Fanatismo no campo analítico	33
4. Fanatismos contemporâneos: Anders Breivik	49
5. Negações e negacionismo	63
6. Convicção, mentiras e negacionismo	79
7. Barbárie: especulações a partir do caso Schreber	95
8. Curiosidade e fazer “vista grossa”: reflexões sobre a busca/fuga da verdade	105
9. Mentira e sedução perversa	125
10. A mentira no campo analítico	139
11. Por um certo elogio da mentira: outros vértices de observação	147

12. Manifestações do fanatismo, negacionismo e mentiras: um exercício de psicanálise aplicada	171
13. Fanatismo e plenitude: pequenas histórias	185
Referências	195

Introdução

Sabemos que a psicanálise é uma psicologia do particular e, ao mesmo tempo uma psicologia social, que se vale de indícios para investigar o funcionamento mental. A formação de nossa psique depende intrinsecamente do vínculo com o outro. A internalização adequada desse vínculo permite a alteridade, condição básica para a humanização. Dessa forma, o indivíduo se torna eticamente comprometido com a hospitalidade, tanto para o similar como, principalmente, para o diferente. O mito de Narciso nos mostra as consequências mortíferas de falhas nesse processo e o mito de Édipo revela as complexas vicissitudes dessa conquista.

Fenômenos clínicos em que a percepção da alteridade não se constitui ou é deficitária, como configurações psicóticas, limítrofes, autistas e perversas, repercutem no ambiente social. Esse mesmo ambiente social tanto pode ser um fator para a patologia como ser depositário e estímulo para sua ampliação.

O objetivo ao escrever este livro foi me dedicar ao estudo do fanatismo, fenômeno que acompanha a história da humanidade e tem se tornado motivo de preocupação na atualidade. O tema inevitavelmente me conduziu à abordagem do negacionismo e da mentira. Os temas estão imbricados e conduzem a pistas sobre alguns fatores relacionados à maldade.

Como fator social, o fanatismo tem sido objeto do estudo filosófico e das ciências humanas. A psicanálise, cujos fundamentos provêm

da clínica, tem dificuldades com o tema já que o fanático – pleno de certezas – a despreza. Dessa forma, o psicanalista não tem acesso aos detalhes do seu funcionamento mental. Ainda assim, existem textos clássicos que criam hipóteses valiosas, como os livros editados por Haynal, Miklos e Puymège (1983) e Sor e Senet (2010).

O psicanalista apenas tem contato com fatos que ocorrem no campo analítico. Ele pode intuir aspectos que se escondem no entremeio da fala, das emoções e do comportamento manifesto de seu paciente, e essa capacidade intuitiva – desenvolvida em sua formação e trabalho como psicanalista – está sendo constantemente validada (ou não) pelas associações do paciente. Em outras palavras, o analista acessa a sua própria mente apenas enquanto intui como ela está sendo utilizada por seu paciente para comunicar (ou anticomunicar) estados emocionais que se espriam entre áreas com diferentes graus de simbolização (ou não simbolização) verbal.

Sutor, ne ultra crepidam (“Sapateiro, não vá além dos sapatos”) é uma expressão de Plínio, o Velho (78 a.C.) que deve ser considerada também pelo psicanalista que ousa especular para além do que vivencia no campo analítico. Esse cuidado, no entanto, não deve impedi-lo de formular hipóteses sobre fatos para além desse campo, hipóteses essas cujo alicerce se encontra na experiência clínica. A psicanálise aplicada tem se revelado interessante para a ampliação da percepção e compreensão de fatos sociais, assim como de mitos, crenças e obras artísticas. O “não ir além dos sapatos” se transforma em “como nossa experiência com sapatos – a clínica psicanalítica – pode ajudar-nos a ampliar a compreensão de aspectos que o sapateiro vive mesmo quando não se dedica aos sapatos”.

Um cuidado óbvio é estar alerta para o reducionismo, isto é, a tendência em acreditar que uma determinada visão dos fatos é suficiente. Tanto no campo analítico como no campo da psicanálise aplicada, estamos diante da complexidade (Morin, 2008). A causalidade linear e a causalidade circular são abandonadas. Na primeira, existe uma

relação de causa e efeito entre dois eventos de uma cadeia linear. Na segunda, o efeito retroage para a causa. Ambas se referem a sequências temporais. As teorias de campo, no entanto, são atemporais. Os fatos do campo se manifestam simultaneamente. Uma alteração em um aspecto do campo induz alterações em todos os outros e nenhum movimento ou mudança ocorre sem a participação de todos os outros. Em outras palavras, qualquer ocorrência no campo é produto de sua totalidade (Cassorla, 2015b; 2017a, 2017c; 2023d). Como o analista faz parte do campo, a observação objetiva se torna limitada e o investigador terá que objetivar sua própria subjetividade.

A percepção do campo (ou melhor, o envolvimento do psicanalista com fenômenos do campo – do qual ele faz parte), deve ser ampliada pela utilização de outros instrumentos que não aqueles da psicanálise. As ciências humanas (sociologia, antropologia, economia), a crítica das obras de arte, a linguagem, a filosofia, a física são áreas importantes na abordagem da complexidade.

O psicanalista, em geral, não tem formação suficiente para utilizar tais instrumentos para “além dos sapatos”. Não lhe será possível, tampouco, avaliar a potência de cada uma dessas áreas para a compreensão dos fatos sociais ou artísticos e corre o risco de se deixar levar pelo reducionismo que também limita outras áreas. O trabalho transdisciplinar, extremamente necessário, é raro e, por vezes, parece utópico diante da complexidade com que se defronta.

Portanto, solicita-se ao leitor abandonar uma eventual pretensão de que os temas abordados – fanatismo, negacionismo e mentira – serão “explicados ou compreendidos”. É possível que se consiga penetrar em alguns aspectos da complexidade estudada, e que essa possibilidade ajude o leitor e outros investigadores a utilizarem sua própria experiência para ampliar o conhecimento. Algumas vinhetas clínicas reforçarão hipóteses, mas elas apenas ampliarão o campo de investigação. Se assim não fosse, isto é, caso estivéssemos perante a verdade, estaríamos em área de fanatismo e mentira.

Como em todo texto psicanalítico, as vinhetas clínicas devem ser consideradas transformações de possíveis realidades em descrições ficcionais. Esse é um cuidado ético que todo psicanalista toma para manter o sigilo necessário. A possível identificação do leitor com as situações descritas apenas confirmará que elas fazem parte da humanidade.

...

A maioria das ideias expostas neste livro já foram abordadas, em diferentes formas e contextos, em outros escritos. Em Cassorla (1984; 1992) são dados os primeiros passos em direção à conexão dos fatos psicanalíticos com vicissitudes da sociedade atual. A questão do totalitarismo aparece em Cassorla (1998b) e se estende para o estudo da barbárie e terrorismo (Cassorla, 2005a), tema do Capítulo 7 deste livro. Meu interesse pelos atos suicidas me mostrou a busca de um objeto idealizado neste ou em outro mundo conectando as fantasias do terrorista que busca eliminar aqueles que supostamente se opõem a suas ideias redentoras. Ao mesmo tempo, o terrorista suicida fantasia uma vida plena após a morte (Cassorla, 2009; 2010; 2017a; 2017b). Esses aspectos foram desenvolvidos no livro *Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental* (Cassorla, 2021c) que aprofundou significativamente as ideias de uma publicação anterior: *Suicídio – fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução* (Cassorla, 2017e). A evidência de que essa busca implicava a dificuldade de elaborar os processos de dessimbiotização, revividos na adolescência, me conduziu ao estudo das complicações inerentes ao nascimento psicológico, incluindo as situações traumáticas que impediam o desenvolvimento adequado dos processos de simbolização (Cassorla, 2015b). Essa dificuldade se manifestava no campo analítico por meio de conluios de idealização e violência entre os membros da dupla analítica, conluios que impediam sua própria percepção. Estávamos em área de negacionismo da percepção da alteridade. Dessa forma, por caminhos imprevisos, defrontei-me com configurações que atacavam a

triangularidade – vivenciada como traumática – também no campo analítico. Tive a sorte de lançar luzes sobre essas situações propondo as ideias de não-sonho, não-sonho-a-dois e *enactments* agudos e crônicos (Cassorla, 2001; 2005b; 2008b; 2012; 2013). Ao mesmo tempo, o campo analítico se torna objeto de estudo, principalmente quanto à questão dos déficits nos processos de simbolização (Cassorla, 2015b; 2017a; 2017e; 2023d). Essas ideias me levaram a publicar o livro *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment* (Cassorla, 2016b), um texto de clínica psicanalítica em que as relações humanas – o social – subjazem aos fatos clínicos. Esses aspectos continuam sendo desenvolvidos em Cassorla (2015a; 2017d; 2018a) em relação às instituições psicanalíticas e se encontram presentes em todos os escritos, retornando aos temas da adolescência (Cassorla, 2016c).

Convidado a participar da comemoração dos 100 anos do *International Journal of Psychoanalysis* debruicei-me sobre o fanatismo, consciente da necessidade de identificar possíveis configurações no campo analítico que iluminassem os fatos sociais. Esse texto (Cassorla, 2019b) inevitavelmente me levou ao estudo do negacionismo (Cassorla, 2021b; 2021d; 2023a; 2023b) e da mentira, temas que instigavam reflexões que se tornaram mais urgentes com a disseminação de *fake news* e a violência das identificações projetivas que impunham um não pensamento estúpido (Cassorla, 2013; 2016c). Concomitantemente, situações institucionais me tornavam curioso em relação à negação da realidade e sua substituição por ideias permeadas de ódio e inveja que resultavam na desumanização do outro. A uma dessas situações chamei efeito Orton (Cassorla, 2008b), baseado em um personagem de Jorge Luis Borges estudado em Cassorla (2018a), e retomado no Capítulo 6 deste livro. O estudo da adolescência propiciou a edição de dois livros: *The Astonishing Adolescent Upheaval in Psychoanalysis* (Cassorla & Flechner, 2024) e *A turbulência adolescente: estudos psicanalíticos* (Cassorla, 2024b), cujos capítulos abordam, entre vários temas, vicissitudes dos processos de

simbolização e a busca desenfreada de escudos protetores perante traumas da realidade triangular. A resistência à mudança encontrada em personalidades fanáticas, negacionistas e mentirosas me conduziu ao estudo do suposto irredutível do caráter, tema que se insinua nos textos, mas não será discutido neste livro (Cassorla, 2024e).

Ainda que os textos citados perpassem todas as ideias do livro, é importante assinalar que os Capítulos 1, 2 e 3, em que se discute o fanatismo nos campos social e analítico, baseiam-se principalmente em Cassorla (2019b); o Capítulo 4 se debruça sobre Anders Breivik, um terrorista fanático (Cassorla, 2024c). O Capítulo 5, que introduz o negacionismo, se baseia em Cassorla (2021d). O Capítulo 6 é composto a partir de um capítulo de livro editado por Fred Busch (Cassorla 2023b), posteriormente desenvolvido em outro texto, publicado em livro editado por Beatrice Ithier (Cassorla, 2023c). Como assinalado, o Capítulo 7 se inspira em Cassorla (2005a). O Capítulo 8 em que introduzo a ideia de “fazer vista grossa” foi baseado em Cassorla (1993) e retomado em Cassorla (2024c). O Capítulo 9 aborda a mentira e a sedução perversa, temas que, de modo sutil, já se apresentavam nos textos da década de 1990. O Capítulo 10 aborda a mentira no campo analítico e está baseado em Cassorla (2018b). O Capítulo 11, que aprofunda o estudo da mentira, resultou do estímulo para um capítulo de livro editado por Tomasz Fortuna, um psicanalista inglês, que aborda o pensamento de Bion (Cassorla, 2024a). Esse texto foi reproduzido em português pelas colegas do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LipSic) (Cassorla, 2023d). O Capítulo 12 retoma pequenos relatos em que temas deste livro se tornam evidentes. O Capítulo 13 avança em situações nas quais o sentimento de plenitude se confunde com o objeto idealizado. Ele deriva de Cassorla (2024d). Apelo à paciência do leitor em relação a possíveis repetições. Espero que elas ocorram

em contextos diferentes, como se observa no campo analítico, em que as repetições nunca ocorrem exatamente da mesma forma.

As citações detalhadas, necessárias, também dificultam que um eventual leitor me acuse de plágio, isto é, de autoplágio. Afinal, nos capítulos deste livro constata-se “que não existe nada que um ser humano não possa fazer a outro”. Felizmente, também “não existe nada que um ser humano não possa fazer por outro” (Baer, A., sobrevivente do Holocausto¹).²

1 Citado em Chuster; Soares & Trachtenberg (2014a).

2 Por se tratar de uma obra póstuma, algumas referências bibliográficas não puderam ser confirmadas. No entanto, em respeito ao desejo da família de preservar a versão original do autor, optou-se por manter todas as citações conforme apresentadas no texto. Essa decisão busca honrar a integridade da obra e o legado intelectual do autor.

1. Fanatismo no campo social

Neste capítulo, descreve-se como o fanatismo se apresenta na sociedade. A realidade é negada e transformada naquilo que o fanático acredita. Busca-se aproximação com as emoções envolvidas, preparando o leitor para a abordagem do fenômeno no campo analítico. A seriedade do tema estimulou o autor a terminá-lo com bom humor, forma conveniente para suportar a realidade traumática.

Quando os times de futebol de minha cidade jogam entre si, levantam-se boatos mentirosos que resultam em enfrentamentos violentos das torcidas. Após a descarga, a normalidade retorna. Até o próximo jogo, quando tudo se repete. Quando os jogadores de ambos os times são convocados para uma seleção, os torcedores se unem contra o “inimigo” comum. Esse fanatismo do dia a dia nos faz pensar em uma origem mítica, quando os irmãos rivais da horda primitiva se unem para derrotar o pai (Freud, 1911/1969b).

A humanidade sempre conviveu com a maldade. O investigador deve cuidar para que a repulsa e a indignação não prejudiquem sua capacidade de pensar o tema. Precisa considerar que os fatores que contribuem para a maldade devem ser tão complexos como aqueles que influenciam a bondade. As ideias de Arendt (1999) sobre a banalidade do mal não surpreendem o psicanalista que conhece a perene luta entre Eros e Tânatos.

A complexidade do tema demanda difíceis estudos interdisciplinares, que abrem inúmeros caminhos. É preciso lembrar que a

própria ciência pode ser manipulada para justificar teorias fanáticas sobre superioridade de grupos humanos.

Por vezes, o psicanalista se defronta com situações clínicas cuja similaridade com fatos sociais se impõe. Organizações mafiosas, terroristas, perversas, fanáticas etc. manifestam-se no campo analítico, muitas vezes envolvendo o analista e atacando sua capacidade intuitiva. O mesmo ocorre com o tema deste livro: o fanatismo.

Existem numerosos trabalhos sobre o assunto concluídos por filósofos e profissionais das Ciências Humanas. Alguns psicanalistas, muitos latino-americanos, especulam sobre fatores que induzem o fanático a atacar a percepção da realidade, substituindo-a por crenças absolutas. No entanto, a maioria desses trabalhos não parte de situações clínicas, certamente porque fanáticos não buscam psicanalistas.

Nos capítulos deste livro serão propostas hipóteses sobre o fanatismo como fato social a partir do estudo clínico. Antes, porém, serão discutidas algumas características da personalidade fanática que se revelam em seu comportamento social.

O termo fanático vem do latim *fanus*, que significa templo. Os romanos associavam a palavra ao verbo *for, fari*, que significa falar solenemente. O fanático era o porteiro que velava cuidadosamente pelo santuário. Com o tempo passou a nomear o religioso fervoroso que se dedicava exclusivamente a um único deus. O termo se ampliou para nomear o louco, com entusiasmo delirante, frenético, iluminado, exaltado por sua crença.

O fanático transforma a percepção e o conhecimento da realidade para adaptá-la a suas necessidades e desejos conscientes e inconscientes. Ele tem a certeza de possuir a verdade, que é única. Fatos que não coincidem com ela são isolados ou pervertidos e absorvidos pela organização fanática.

Na mente fanática não há lugar para dúvidas, tolerância, alteridade, culpa, lutos, depressão ou reparação. Não existe tristeza nem alegria.

Esta é confundida com excitação. Vive-se em um mundo hiper-real, onde as coisas são o que se imagina, nada além ou aquém disso.

Os aspectos fanáticos da mente têm algumas características que os diferenciam daqueles predominantes na parte psicótica da personalidade. O fanático deforma uma realidade consensual para determinados grupos sociais em uma forma convincente para aqueles grupos, ainda que bizarra para outros. Por exemplo, os indivíduos do grupo X (que podem ser aqueles de outra nacionalidade, religião, ideologia, raça) estão organizados de tal forma que dominarão a humanidade. Por isso, deve-se eliminá-los. No entanto, a neorrealidade criada pelo psicótico parece bizarra para quase todos. Por exemplo, existe uma conspiração em que seres de outro planeta estão invadindo a Terra. Ao contrário dos aspectos fanáticos, o psicótico não costuma estar em busca de adeptos.

Aspectos fanáticos e psicóticos coexistem e sofrem influência mútua. Surtos psicóticos, explosões genocidas, suicídios coletivos (como os seguidores de Jim Jones) – junção de aspectos perversos e psicóticos – potencializam a organização fanática.

Deter-nos-emos em alguns termos cuja compreensão ajudará na investigação:

- *Conhecimento* provém do latim *cognoscere* que contém, em seu significado: 1) em comum, com alguém; 2) tornar ou gerar; 3. entender. É algo gerado em forma intersubjetiva (La Puente, 1992). O conhecimento é efêmero e está sempre em transformação. A verdade última é inacessível.
- A *crença* toma algo como verdadeiro, mas admite a possibilidade de que não seja verdadeiro (Britton, 1998). Por exemplo, psicanálise é um conhecimento e acredito (crença) que vai ajudar meu paciente. Pode ser que não ajude. Quando a crença abandona a possibilidade e se torna certeza, estamos diante de crenças delirantes (por exemplo, curar uma fratura óssea com

interpretações psicanalíticas) e/ou fanáticas (somente X possui a verdadeira psicanálise).

- O fanático se considera infalível. Certo da superioridade da sua verdade, luta pela “salvação” do outro. Quando o outro resiste à salvação, o fanático tem certeza de rivalidade invejosa. Dessa forma, precisa atacar todas as evidências que abalariam suas ideias, incluindo as pessoas que duvidam. Qualquer forma de perversidade está justificada, em nome da verdade ou da causa.

Portanto, atrás da certeza supostamente inabalável, existem terríveis inseguranças, e o psicanalista não se surpreende quando descobre que a mente fanática encobre aspectos frágeis, aterrorizados. Terroristas são, na verdade, pessoas aterrorizadas.

Uma importante característica do pensamento fanático é a generalização deformante e a valorização acrítica das relações causais. Uma determinada situação, verdadeira ou falsa, é generalizada e a responsabilidade é atribuída a todos os indivíduos da mesma categoria (etnia, religião, por exemplo), que serão considerados inimigos. Caso, em algum momento, as evidências mostrem o contrário, o fanático criará novas crenças para confirmar sua verdade.

A capacidade contagiosa do fanatismo pode obnubilar a capacidade de pensar do observador, que corre o risco de se tornar adepto da crença. A crença fanática pode ser disseminada da mesma forma que doenças infecciosas atingem hospedeiros vulneráveis, conforme será estudado adiante.

Os fatos assinalados até aqui levam a supor que o surgimento do fanatismo é facilitado, em uma pessoa, grupo social ou em uma sociedade, quando ele se sente fragilizado e ameaçado. Para contrapor-se a esse desespero, busca-se algo salvador, poderoso, que substituirá a insegurança por certezas. A instância poderosa é atribuída a crenças socioculturais adquiridas dentro de grupos sociais e/ou insufladas por líderes. Essa “inoculação” é um fator importante que determina a

transformação das crenças em fanatismo. A transmissão de funcionamentos fanáticos se inicia na infância precoce e, possivelmente, antes.

Existe uma clara relação entre o fanatismo e o ressentimento. O ressentido se sente traumaticamente injustiçado e passa a viver para vingar-se do objeto que supostamente, ou na realidade, o maltratou. Como foi visto, a transmissão transgeracional do ressentimento faz com que disputas e guerras prossigam por gerações (Kancyper, 1994; Freud, 1911/1969b).

Em resumo, fazem parte da estrutura fanática duas características. A primeira é a certeza de estar cercado por inimigos, que se voltarão contra os fanáticos, exterminando-os. Trata-se de um evidente mecanismo projetivo. Podem ocorrer enfrentamentos entre dois ou mais grupos fanáticos. A dissidência costuma criar outro grupo em que “hereges” deverão ser eliminados e vice-versa. O fanático, ameaçado, tem que se defender exterminando os supostos inimigos. A segunda é a necessidade imperiosa de conquistar adeptos. Fruto da insegurança inconsciente, é necessário formar massas homogêneas poderosas que reforçarão as crenças e lutarão contra os inimigos da causa (Cassorla, 2005a). Aqueles que não concordam com a massa deverão ser eliminados.

Os fatores assinalados devem ser complementados pela necessidade de desumanizar o inimigo. Dessa forma, ele estará sujeito a tudo aquilo que se faz com animais e “coisas”: tortura, eliminação, redução a cinzas.

No Dicionário Filosófico, publicado em 1764, Voltaire (2021) escreve:

Fanatismo é para a superstição o que é o delírio para a febre. . . Aquele que tem êxtases, visões, que considera os sonhos como realidades e as imaginações como profecias é um entusiasta; aquele que alimenta a sua loucura com

a morte é um fanático . . . O mais detestável exemplo de fanatismo é aquele dos burgueses de Paris que correram a assassinar, degolar, atirar pelas janelas, despedaçar, na noite de São Bartolomeu, seus concidadãos que não iam à missa. . . . Há fanáticos de sangue frio: são os juízes que condenam à morte aqueles cujo único crime é não pensar como eles. . . . Quando uma vez o fanatismo gangrenou um cérebro a doença é quase incurável. . . . seus olhos encarniçavam-se, seus membros tremiam, o furor desfigurava seus rostos e teriam morto quem os houvesse contrariado. . . . Essa gente está persuadida que o espírito santo que os penetram está acima das leis e que o seu entusiasmo é a única lei a que devem obedecer. . . . um homem que vos diz que prefere obedecer a Deus a obedecer aos homens e que consequentemente, está certo de merecer o céu se vos degolar . . . De ordinário, são os velhacos que conduzem os fanáticos e que lhes põem o punhal nas mãos: . . . fazia imbecis gozarem as alegrias do paraíso e que lhes prometia uma eternidade desses prazeres que lhe havia feito provar com a condição de assassinar todos aqueles que lhes apontasse. (Voltaire, 1764/2021, posições 2202-2233)

Estamos diante da Inquisição, dos Fascismos, Nazismo, Stalinismo, dos morticínios de ameríndios, da escravidão negra, pogroms, Ku Klux Klan, dos terroristas islâmicos, dos genocídios na Armênia, Ruanda, Congo Belga, Bangladesh, do Taleban, do “grande salto para a frente” na China, dos suicídios coletivos de Jim Jones e outros, dos grupos terroristas na América Latina e tantos lugares, muitas vezes pretextos para ditaduras também terroristas. E do fanático próximo, em nossa família ou grupo social (também dentro de nós), que pode passar ao ato se houver um estímulo adequado.

Ainda que o comportamento fanático seja similar na história da humanidade, os fatores que os desencadeiam se relacionam com variáveis sociais que insuflam o comportamento em determinadas fases do funcionamento de cada sociedade.

Atualmente vive-se, em todo o mundo, um recrudescimento de preconceitos, de cor, origem, nacionalidade, hábitos, ideias. O “politicamente correto”, que pretensamente combatia o preconceito, torna-se também fanatismo, condenando-se todos aqueles que – muitas vezes com humor – são capazes de lidar com a diversidade.

O fanático pode ser muito agradável enquanto tenta a conversão às suas ideias. Não se pode esquecer de colegas psicanalistas que tentam nos levar carinhosamente para sua “escola” psicanalítica para “livrar-nos do mal”.

Existem, portanto, fanatismos sutis, menos graves. Alguns terminam em difamações e depreciações invejosas, com consequências maiores ou menores. Mais grave é quando o outro é maltratado, excluído ou “excomungado” de grupos, por vezes sem sequer compreender o que está ocorrendo. Os estudos de Bion (1961/2001; 1970/1973) sobre o místico e o grupo ajudam na compreensão de algumas dessas situações.

O fanatismo pode se manifestar também naqueles do campo oposto. Ao fanático que se vale das Escrituras se opõe o fanático que quer destruir qualquer resquício de tradição. Como foi visto, por vezes, fanatismos se digladiam dentro dos mesmos grupos religiosos e ideológicos, cada qual considerando-se mais “puro” que o outro.

Algumas vezes podem-se questionar possíveis aspectos fanáticos pelas brechas abertas do humor, produto da parte não psicótica da personalidade. Reconto, com minhas palavras, um relato de Amós Oz (2015).

Um escritor judeu estava em um táxi, em Israel, e o chofer comentava sobre o conflito entre árabes e judeus. Dizia ele que a única solução possível seria matar todos os árabes. O escritor lhe pergunta:

“E como os árabes seriam mortos?”. O motorista afirma que todo judeu deveria matar um árabe. O escritor continua: “E como seriam mortos?”. O motorista: “De qualquer forma, tiros, facadas, bombas.”. O escritor: “Imaginemos então que no prédio em que você mora exista uma família árabe, você entra lá e mata todos.”. O motorista concorda vacilante. O escritor continua: “Imaginemos então que você matou toda a família e, quando já está se afastando, ouve um choro de bebê, que sobreviveu porque você não viu. O que você faz?”. O motorista retruca: “Como o senhor é cruel!!!”.

A complexidade do tema mostra a dificuldade de diferenciar aspectos fanáticos de outros fenômenos próximos e coexistentes. Estamos diante de organizações mentais defensivas que atacam e deformam a percepção da realidade. O estudo clínico, adiante, fornecerá mais pistas.



Nas últimas décadas, o Brasil e o mundo vêm enfrentando problemas graves de radicalização, manipulação da informação, conspiracionismo e crise das instituições. Este livro explora as raízes e as manifestações do fanatismo, negacionismo e mentira, dialogando estes conceitos entre a perspectiva psicanalítica e o campo social.

Em *Fanatismo, negacionismo, mentira: estudos psicanalíticos*, o leitor encontrará os últimos escritos de Roosevelt Cassorla e terá a oportunidade de levar para a sua clínica a análise psicanalítica de temas tão atuais desse renomado especialista, bem como para a vida, contribuindo para que ele se torne eterno tanto no trabalho ao qual tanto se dedicou quanto ao empenho por um mundo melhor e mais afetuoso. Aproveite!

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2570-6



9

788521 225706



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Fanatismo, negacionismo, mentira

Estudos psicanalíticos

R. M. S. Cassorla

ISBN: 9788521225706

Páginas: 208

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
